

ECC

Estudos de
Comunicação
e Cultura

Cognition
and
Translatability

Mudam-se os tempos, mudam-se as traduções?

Reflexões sobre os vínculos entre (r)evolução e tradução

Alexandra Lopes
e Maria Lin Moniz [coord.]



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
EDITORIA

Tradução e revolução: encontros e desencontros. O caso das coleções de literatura (1974-1980)

Teresa Seruya¹

Resumo: O objetivo do presente estudo preliminar é interrogar o panorama da tradução em Portugal logo depois da Revolução do 25 de Abril, à procura de eventuais mudanças que esta possa ter causado. Tratando-se do nível da cultura, torna-se necessário discutir primeiro o conceito de revolução com o qual se pode operar a este nível.

O *corpus* escolhido para tratar o assunto são antologias e coleções de literatura, recolhidas do projeto bibliográfico *Intercultural Literature in Portugal 1930-2000: a Critical Bibliography*, uma parceria entre o CECC (Universidade Católica Portuguesa) e o CEAUL (Universidade de Lisboa). As razões desta seleção prendem-se com os resultados de estudos já feitos que apontam para estas formas de organização da oferta literária como sendo muito representativas das décadas 1940 a 1970. Revelam-se, portanto, particularmente adequadas à observação de eventuais mudanças. Em última análise, pretende-se averiguar até que ponto 1974 e a Revolução de Abril poderão também constituir um novo período da história da tradução em Portugal.

Palavras-chave: Revolução; Cultura e revolução; Tradução; História da tradução; Coleções.

¹ Universidade de Lisboa. Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.

1. Introdução: cultura e revolução

A pergunta sobre possíveis relações entre a Revolução dos Cravos e a tradução em Portugal insere-se num conjunto de questões de âmbito mais vasto e geral que importa recordar. Escolhi referir duas: como poderemos entender revoluções em fenómenos culturais ou na vida cultural, onde se insere a tradução, e como pensar a mudança na tradução, algo que interessa sobretudo à história da tradução, a área dos Estudos de Tradução a que tenho dedicado mais tempo e esforço.

A polissemia da palavra «revolução» é mais do que conhecida. Se considerarmos a forma adjetival, «revolucionário», o seu campo semântico alarga-se ainda mais (ex.: gestos revolucionários), e o mesmo se passa se usarmos o substantivo «revolução» com um qualificativo, como na expressão já consagrada da «Revolução de Veludo» em 1989 na antiga Checoslováquia. Evoque-se ainda a expressão tão usada de «revolução de mentalidades», revolução esta tantas vezes considerada necessária para o sucesso da revolução política. Assim, o tempo e a abrangência são, porventura, as duas categorias que atribuem à mudança o carácter de revolução: a aceleração do ritmo temporal e a dimensão das alterações em relação a um passado imediatamente anterior. Normalmente tenta-se conjugar as duas.

Para se pensar a revolução ligada a fenómenos culturais é útil recorrer à imagem da cultura como um icebergue, tal como David Katan a ilustrou. Katan estratifica a cultura em três níveis, em relação à linha da água: visível, semivisível, invisível, correspondendo o primeiro à cultura técnica (língua, vestuário, gastronomia, música, arquitetura, etc.), o segundo à «cultura formal» (o que é apropriado/não apropriado, costumes, tradições) e o invisível à «cultura informal» (crenças, valores, papéis identitários) (Katan 2009: 78ss). Uma revolução pode atingir todo o icebergue, embora com ritmos e dimensão muito diferentes em cada nível e em cada elemento integrante de cada nível. Casos houve, porém, em que a intencionalidade da revolução pretendeu atingir o todo, súbita e rapidamente. Refiro-me à Revolução Cultural Chinesa (1966, terminada oficialmente em 1969, mas, na verdade só em 1976 com a morte de Mao) e às Campanhas de Dinamização Cultural fora das grandes cidades, levadas a cabo em Portugal pelo MFA (Movimento das Forças Armadas) em 1974 e 1975 (cf. Begonha 2015 e Almeida 2009)².

² Numa perspetiva militante ortodoxa ver Gusmão (2014), «A revolução portuguesa e o seu impacto cultural», in: *O Militante*, N.º 331, Jul/Agosto 2014.

A própria definição de revolução inclui avaliar os seus resultados, operação esta que pode levar à interrogação se houve ou não revolução. Veja-se o exemplo da chamada Revolução de Novembro na Alemanha de 1918/19 que, é certo, não transformou a Alemanha em Repúblicas de Conselhos de modelo soviético como certos sectores desejavam, mas resultou na primeira experiência de governo republicano democrático em solo alemão e fez da cultura alemã na República de Weimar (1918-1933) a mais inovadora e vanguardista do seu tempo. Um dos livros emblemáticos a este respeito é do professor inglês Michael Patterson que, em *The Revolution in German Theatre 1900-1933*, trata, na primeira parte, de «The Expressionist revolution in German theatre» (com destaque para os dramaturgos Georg Kaiser e Ernst Toller) e, na segunda, de «The political revolution in German theatre», referindo-se a Erwin Piscator e Bertolt Brecht (Patterson 1981). Interessantemente a revolução, neste estudo, como se vê pelos autores referidos, é tanto da forma teatral como do conteúdo revolucionário dos dramas. A consciência da revolução da forma é particularmente eloquente do sentido revolucionário aplicado ao encontro com o novo e a mudança. É o que exprime este elucidativo exemplo: em maio de 1913, Harry Graf Kessler (1868-1937)³ estava em Paris e assiste ao ensaio geral de *Le sacre du Printemps*, no Théâtre des Champs Elysées, com o autor (Igor Stravinsky) presente e ainda Ravel, André Gide e Djagilev. À noite, escreve no seu diário:

A new form of choreography and music. An entirely new vision, something never seen before. Something gripping and convincing, has suddenly come into existence. Savagery in un-art and also in art: old form is ravaged, new form suddenly arising out of chaos (citado em Illies 2014: 121).

Apesar desta descrição do que seria uma revolução pura na arte da música e da dança, claro que ela só é legível porque em parte ancorada no já conhecido. Criação pura, só no mito bíblico.

³ Colecionador de arte, mecenas, escritor, publicista, diplomata.

2. Tradução e revolução em Portugal

O presente trabalho não se baseou na procura do tema da revolução portuguesa de 25 de Abril em traduções, como se poderia esperar da primeira leitura do seu título. A questão é, antes, saber se uma mudança tão repentina e radical de regime político teve alguma repercussão nas traduções que se publicaram em Portugal. Para tal, é preciso começar por distinguir entre modos de traduzir e as traduções propriamente ditas.

Para a investigação, a hipótese de estudar mudanças no traduzir é plausível, mas não de execução viável a curto prazo. Como é que se constituiria um *corpus* para pesquisar estas mudanças? Na base de quais critérios? E quando nos referimos ao traduzir temos sempre presente a afirmação de George Steiner no seu mais famoso livro sobre tradução (*After Babel*):

O problema tem vindo a ser debatido há mais de dois mil anos. Mas haverá alguma coisa de substancial a acrescentar à posição de S. Jerónimo das alternativas: *verbum e verbo*, palavra por palavra no caso dos mistérios, mas sentido por sentido, *sed sensum exprimere de sensu*, em todo o outro lugar? (Steiner 2002: 300)

Pesem embora as justas críticas que têm sido feitas ao binarismo em tradução (cf. Duarte 2005), de que esta posição de Steiner é um elucidativo exemplo ao considerar apenas dois métodos de traduzir, não nos parece frutífera sequer a hipótese de admitir grandes alterações no traduzir em função do clima político. Os anos 70 de que agora nos ocupamos não foram ainda propícios à emergência e sucesso de experiências textuais híbridas.

Deixando, portanto, de lado o enfoque no traduzir, voltamo-nos para as traduções publicadas. Ora, sabendo-se, à partida, que a Revolução dos Cravos acabou com a Censura e acelerou a ligação de Portugal a culturas estrangeiras, está criada a expectativa de que novos autores e temas tenham atraído as editoras e o público. É esta a hipótese de que partimos.

Impõe-se ainda uma justificação da escolha do objeto de análise, as coleções de literatura traduzida. Por um lado, as coleções (e antologias) já foram um tema forte de investigação na linha do CECC dedicada a Estudos de Tradução (cf. Seruya *et al.*, 2013 e Seruya, 2013a). A razão mais forte, porém, prende-se com o sentido profundo das coleções: elas tornam visíveis

fenómenos de mudança de uma forma mais consistente e sólida do que se observássemos traduções isoladas, até porque uma coleção se estende ao longo de um período. Podemos também pôr a hipótese de que as coleções, pelas suas características, constituem respostas a indícios de mudanças (ou de continuidades!) em mentalidades e comportamentos da sociedade.

3. O que são coleções/antologias⁴?

As antologias e coleções de literatura traduzida, como subcategoria das antologias e coleções, são *corpora* de textos traduzidos com uma determinada configuração. Resultam de um processo em três fases: recolher, seleccionar e apresentar esses textos com dois propósitos principais: 1) armazenar e preservar uma certa herança dentro de um tópico específico (um género literário, um autor, um assunto, um período literário, etc., ou uma combinação de alguns destes exemplos); 2) ou introduzir inovação e mudança no polissistema literário de uma dada cultura. Dos dois propósitos resultam, deliberadamente ou não, propostas de cânone, elas próprias também uma inovação. Além disso, as antologias e as coleções ilustram o objetivo da planificação e mediação cultural pensada por Gideon Toury (1999): seleccionar e, por meio da seleção, ponderar e decidir quais os objetos apropriados a um certo público, configurando assim e/ou manipulando a receção de uma cultura estrangeira, de um tema, de um autor, de um género, etc., da parte dos leitores nativos. Aquilo a que poderemos chamar um «objecto antológico» envolve atividades como a seleção deliberada e a reestruturação e recontextualização deliberadas de um *corpus* (tradutório) específico. É de salientar, pois, que o significado da (nova) antologia ou coleção é mais vasto do que a soma das suas partes individuais. Trata-se de um novo tecido textual que vai entrar em novas relações e realizar novas funções no polissistema literário que o acolhe.

⁴ Os termos antologia e coleção têm vindo a ser aplicados sinonima e tautologicamente em várias definições («uma antologia é uma coleção de ...» ou «uma coleção é uma antologia de ...»). Referem-se tanto a obras isoladas como as séries de obras, sobretudo literárias, mas estendendo-se igualmente à música, ao cinema, à arte, etc. Essmann e Frank referiram-se muito pragmaticamente à dificuldade de distinguir as duas, recorrendo ao tamanho: uma antologia pode levar-se para casa na mão (1991: 67). A caracterização das antologias e coleções feita nesta secção baseia-se em Seruya 2013a.

São variadas as funções e os propósitos que subjazem à produção de antologias e coleções: o prazer e a educação, a preservação e a inovação, a proteção, estruturação, acessibilidade e disseminação, não esquecendo outros objetivos subjetivos ou a procura do lucro.

Outra possível tipologia, em geral aplicada à antologia, mas que podemos replicar para as coleções, distingue entre coleções programáticas, que tendem a perseguir um propósito inovador, e as coleções panorâmicas, que funcionam como repositórios representativos de um dado assunto, autor, literatura, género ou período. Em relação às coleções que nos vão ocupar, as que tratam de assuntos reprimidos no Estado Novo, como certas ideologias e o erotismo, tendem a ser programáticas, enquanto as restantes são mais de intencionalidade representativa.

4. Mudanças na cultura. O público e as instituições

Como se disse atrás, o «contexto da situação» (Katan 2009) alterou-se em Portugal com a Revolução. Recordando este autor, muito mudou nos níveis técnico e formal da cultura, alterações estas resultantes sobretudo da liberdade de expressão e política, e do fim da Censura e do isolamento internacional. Mudaram-se costumes, práticas e consumos. Vejamos alguns indicadores da evolução social na cultura (Tabela 1), segundo a sociologia (Barreto 1996: 143ss.)⁵.

Tabela 1 – Indicadores da evolução social na cultura

Instituição	1974	1980
Museus (n.º)	114	123
Museus (visitantes)	c. 2.000.000	c. 3.000.000
Bibliotecas (n.º)	2.974.000	3.487.430

⁵ Só há estatísticas de despesas com a cultura a partir de princípios dos anos de 1980. Todos os gráficos que se apresentam neste trabalho foram feitos com a preciosa ajuda de Maria Lin Moniz, a quem aqui agradeço calorosamente.

Instituição	1974	1980
Jornais e publicações periódicas	1.041	1.041
Ópera (n.º de espectadores)	79.000	21.000
RTP (Horas de emissão)	7.385	12.804
Cinema (n.º de espectadores)	32.500	29.000

Podemos interpretar esta seleção de dados como não indicando alterações profundas quanto ao consumo cultural. Este, muito provavelmente, está ligado à camada mais funda, invisível, da cultura, entre muitas outras explicações. Alguns indicadores até são decepcionantes, apontando para as descontinuidades do progresso social e cultural. Assim, no mesmo ano de 1996, António Barreto escreve, noutra local, sobre os leitores da imprensa escrita em Portugal:

A queda do analfabetismo e o desenvolvimento das classes médias, durante as últimas décadas, assim como a melhoria geral dos níveis de vida e de consumo, não tiveram influência nos hábitos de leitura regular da imprensa periódica. Como se sabe, Portugal é, de há muito, na Europa, o país onde se lêem menos jornais, situação que não se alterou (1996a: 68).

Mas outros indicadores são mais positivos, por exemplo a diversificação de públicos. Assim, António Pinto Ribeiro, no 50.º aniversário da Fundação Gulbenkian, escreve:

De 1969, ano da inauguração da Sede e do Museu, ao início da década de 80, Portugal viveu anos de convulsões sociais, económicas e políticas que, de algum modo, não deixaram de afectar a Fundação Calouste Gulbenkian. [...] [O] mais importante que aconteceu neste processo foi a experiência e democratização da vida política e cultural, com novos públicos a frequentarem as novas actividades da Fundação (2006: 395s.).

Também João Pinharanda, ao escrever sobre a arte portuguesa no século xx, nomeadamente quanto aos anos que agora nos interessam, refere, é certo, uma «ruptura em todo o tecido histórico, inclusive cultural», concentrando-se as linhas de força culturais «em directrizes de sentido político social». Porém, em termos de personalidades e carreiras, consolidam-se os nomes que já marcavam antes de 1974 (2005: 260ss.).

Assim, tudo aponta para que as mudanças na cultura (entendida esta num sentido tradicional) sejam descontínuas e lentas.

5. Regularidades e mudança

Se traduzir é reescrever, como a Escola da Manipulação nos habituou a dizer (Bassnett/ Lefevere 1992: XI), traduzir não poderá ser um ato revolucionário. Porém, a montante do ato, na tomada de decisão sobre o que traduzir, aí, sim, poderemos ver atos de profunda mudança, e não apenas um facto novo como qualquer tradução sempre é. Ora, a introdução de novidade, em regra, não é casual, apresenta regularidades, que se podem interpretar de diversas maneiras. Ocorre, então, perguntar, perante a revolução política, em que medida certas regularidades que temos observado no panorama da tradução de literatura no Estado Novo se mantiveram. Poderemos considerar como regularidades: 1) a existência da Censura que, em larga medida, condicionava a atividade editorial, sendo, portanto, pertinente indagar dos efeitos da sua abolição na publicação de traduções; este é um assunto ainda não devidamente estudado, por exemplo se o que foi proibido foi rapidamente traduzido ou nunca o chegou a ser, significando que um ato de censura deixa uma lacuna irreparável na cultura de chegada; 2) a preferência das editoras pela inserção de literatura traduzida em coleções e antologias, também como estratégia comercial de organizar a oferta, pode ver-se na Tabela 2;

Tabela 2 – N.º de títulos em coleções e fora de coleções por década

Década	N.º total de títulos	N.º de títulos fora de coleção	%
1930	971	401	43,72
1940	1566	328	20,94
1950	3046	252	8,27
1960	6940	146	2,10
1970	6293	4	0,06
1980	601	0	0

3) o recurso a pseudotraduções importadas de Espanha para preencher a procura crescente de literatura de entretenimento é ainda um traço muito marcante da história da tradução durante o Estado Novo.

Ao tratarmos, agora, as coleções de traduções de literatura e as editoras que as publicavam, vamos restringir-nos à chamada **história externa da tradução**, que nos vai permitir verificar que mudanças pós-Revolução de Abril a tradução tornou visíveis.

6. Constituição, sistematização e primeira análise do *corpus*

A base de dados *Intercultural Literature in Portugal 1930-2000: a Critical Bibliography* (www.translatedliteratureportugal.org) que temos vindo a trabalhar no CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, em parceria com o CEAUL – Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, tem permitido obter dados sólidos sobre conjuntos maiores de textos e seu mapeamento. Assim, a primeira pesquisa que fizemos resultou numa listagem das novas coleções 1974-1980 e sua categorização (v. Anexo 1).

Para poder trabalhar com esta lista, havia que classificar as coleções, a fim de avaliar o peso relativo de cada **categoria**⁶. Na verdade, olhando para

⁶ Utilizo aqui a palavra «categoria» num sentido muito genérico, «Conjunto de pessoas ou coisas que possuem muitas características comuns e podem ser abrangidas ou referidas por um conceito ou concepção genérica» (Houaiss, V).

a coluna da «Categoria» nesta lista, encontramos pelo menos três critérios na definição das categorias (segundo o público destinatário, o assunto, a função social), o que pode resultar não muito rigoroso, até porque algumas coleções podem pertencer a várias categorias em simultâneo. Porém, considera-se a categorização proposta adequada ao objetivo deste estudo. Por exemplo, ver o peso da categoria «entretenimento» em relação à literatura erudita, ou sabendo-se da existência de lacunas que certos novos assuntos pudessem vir a preencher (caso do «Erotismo» ou da «Política»), por terem sido muitas vezes objeto de censura anteriormente, a sua presença agora tem significado. De qualquer maneira, a primeira grande subdivisão da literatura que a nossa base de dados contempla – Narrativa, Drama, Lírica – aplicada às coleções, não traria informação relevante para a pergunta a que nos propomos responder. São as seguintes as categorias selecionadas para observar as coleções:

Entretenimento (literatura de massas: novela sentimental, do Oeste, policial e espionagem, terror, aventura e artes marciais)

Literatura infantojuvenil (inclui aventura)

Erotismo

Política e ideologia

Cultura erudita

Ficção científica

Outros

O passo seguinte começa a interrogar a questão da mudança, para a qual é preciso definir o espaço temporal a observar. No nosso projeto temos usado preferencialmente, e com bons resultados, a **década**, critério temporal este que, no presente estudo, poderia causar alguns problemas, dado que a Revolução portuguesa se deu precisamente a meio da década de setenta. Contudo, e para manter o critério, procedeu-se a um estudo comparativo da presença de novas coleções por décadas (Gráfico 1).

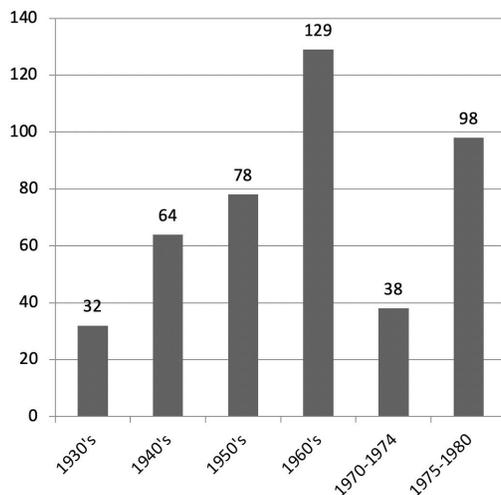


Gráfico 1: Novas coleções 1930-1980

Se é verdade que o grande aumento das coleções ocorre na década de 60 (coincidindo com um desenvolvimento económico e social assinalável, cf. Rosas 1994: 419-500), registamos também a subida muito acentuada de novas coleções a seguir à Revolução.

O passo seguinte seria perguntar pela novidade. Atente-se no gráfico das coleções 1975-1980 por categorias (Gráfico 2).

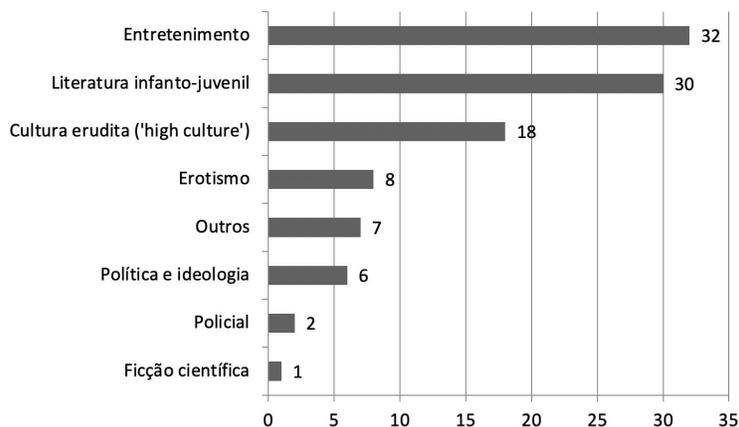


Gráfico 2: Coleções 1975-1980 por categorias

Obtendo, assim, um retrato global do nosso *corpus*, podem verificar-se os seguintes indicadores de mudanças:

grande aumento no número de coleções da primeira para a segunda metade da década de 70

preponderância contínua da categoria do «entretenimento»

aumento notável da literatura infantojuvenil

emergência explícita dos temas eróticos (antes de 1974 nenhuma coleção e nenhum título de livro apresentava o termo)

emergência do «terror» como título de coleção

aumento expectável da política e da ideologia

«cultura / literatura erudita» afastada das duas categorias mais fortes

7. Coleções de literatura de entretenimento

Depois deste primeiro mapeamento do *corpus* concentrámo-nos na categoria do «entretenimento» com as suas muitas subdivisões, pelo lugar cimeiro que ocupa no tipo de publicações. O enfoque agora será nas editoras responsáveis por alimentar este importante sector do mercado (Gráfico 3).

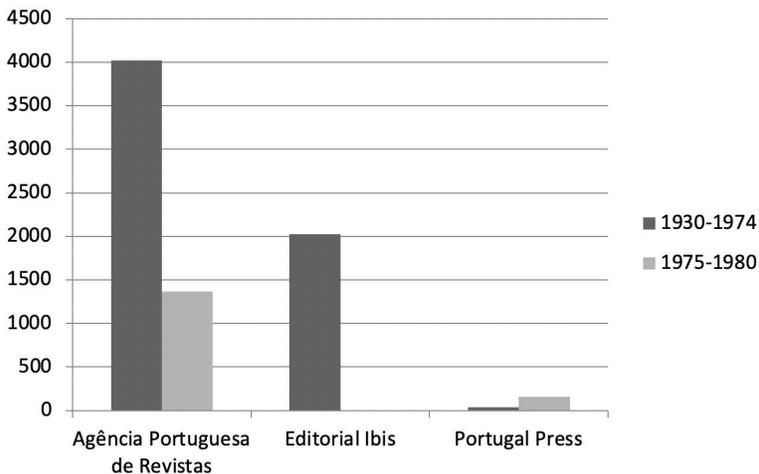


Gráfico 3: N.º de títulos das três principais editoras de literatura de entretenimento

Verifica-se claramente a grande preponderância da Agência Portuguesa de Revistas.

Compare-se agora (Gráfico 4) o número de títulos das três editoras referidas no ano da Revolução (1974) e seis anos depois (1980).

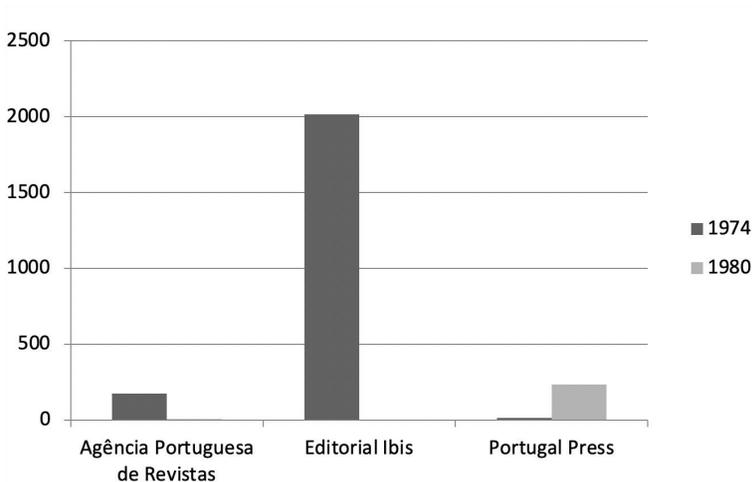


Gráfico 4: N.º de títulos das três principais editoras de literatura de entretenimento nos anos de 1974 e 1980

Verifica-se que todas tinham entrado em declínio em 1980, embora a função continuasse em alta. Fica aqui uma questão a esclarecer na história da edição e do livro.

Uma das consequências da Revolução, à luz dos olhos de hoje, foi, sem dúvida, a descentralização cultural, com um crescimento e diversificação notáveis das dinâmicas culturais locais. Claro que, conforme se referiu acima, o ritmo das mudanças culturais é lento. Mesmo assim, é pertinente perguntar se Lisboa continuava a concentrar a maioria das atividades editoriais. Considerou-se aqui «Lisboa e Outros» porque, justamente na literatura de entretenimento, as editoras indicavam como local de publicação, além da capital e de outras cidades do país, também as capitais das antigas colónias. Verificou-se, assim, que, entre 1930 e 1974, «Lisboa» + «Lisboa e Outros» indicava uma percentagem de 75%, apurando-se igual percentagem para o período 1975-1980 com as mesmas localizações. Fácil se torna concluir que, neste aspeto, não houve alterações à situação anterior.

8. Alguns estudos de caso

Para ilustrar mais concretamente a questão da mudança no panorama das coleções depois da Revolução (1974-80), observar-se-á primeiro a editora Portugália, nas suas coleções (v. Anexo 2) porque 1) foi, sem dúvida, uma das principais instâncias de disseminação da literatura estrangeira canónica e seus autores (juntamente com a Gleba e a Atlântida)⁷; 2) em regra, contratava autores portugueses prestigiados para tradutores⁸; 3) cobria vários géneros literários: conto e novela, romance, poesia, teatro, literatura de viagens, ensaio; 4) «desempenhou um papel notável, ao longo de três décadas» (Castagna 2013: 137-152).

Seguidamente, observar-se-á uma editora relevante na publicação de literatura de entretenimento – a Agência Portuguesa de Revistas (ao lado da Ibis e da Portugal Press), e a sua grande oferta em coleções. Na verdade, vale a pena perguntar se um público urbano a crescer, e mais letrado, que tinha de recorrer à ficção estrangeira para satisfazer a sua necessidade de entretenimento, mudou o seu gosto num contexto de forte politização da sociedade portuguesa. A hipótese é que estas coleções se podem ver como indicadores sociais das mudanças maiores, menores ou até nulas nos hábitos de leitura do público logo a seguir à Revolução.

Mas antes é impossível não introduzir uma breve referência à questão da Censura. Há um grande número de títulos que só puderam ser lidos em português depois da Revolução. É o caso de muita literatura (mas não toda!) política e ideológica dos pais do Comunismo, ou de obras que simpatizassem com o lado republicano da Guerra Civil de Espanha, como o romance de George Bernanos *Les grands cimetières sous la lune* (1938), (traduzido apenas em 1988, *Os Cemitérios sob a Lua*, Livros do Brasil) ou do romance erótico clássico do século XVIII *Teresa Filósofa*, cuja tradução francesa foi proibida em 1936, e traduzido mais tarde em 1995. Política e ideologia, e sexo (erotismo

⁷ Publicou autores como Thomas Hardy, John dos Passos, Dostoiévsky, O. Wilde, Faulkner, Stendhal, Tolstoi, Th. Mann, Tynianov, Lermontov, Brontë, Dickens, Walpole, B. Constant, H. G. Wells, Melville, R. L. Stevenson, Henry James, B. Kellermann, George Eliot, D. H. Lawrence, Dumas, Moravia, S. Undset, Tchekov, entre outros.

⁸ São exemplos J. Cabral do Nascimento, Manuela Porto, J. Gaspar Simões, Natércia Freire, Domingos Monteiro, Mário H. Leiria, Hélder Macedo, Januário Leite, Daniel Gonçalves, entre outros.

e pornografia) foram, sem dúvida, os temas que mais desafiaram a atenção dos censores, pelo que não surpreende que tenham emergido em força após o fim da Censura.

Vejam-se estes exemplos de uma coleção política (Tabela 3) e de outra (Tabela 4), com o tema do erotismo.

Tabela 3 – Exemplo de coleção política

Ano	Coleção e número	Título	Autor	Tradutor	Editora	Local de publicação
1976	Direito à Cultura, 001	Literatura e revolução	Leão Trostsky	Serafim Ferreira	Editorial Fronteira	Amadora
1977	Direito à Cultura, 002	Sociologia do capitalismo	Karl Marx	Serafim Ferreira	Editorial Fronteira	Amadora
1977	Direito à Cultura, 003	Revolução e cultura proletária	Victor Serge	Serafim Ferreira	Editorial Fronteira	Amadora
1977	Direito à Cultura, 004	Revolução e reformismo: a greve geral	Rosa Luxemburgo	Vera Veloso	Editorial Fronteira	Amadora
1977	Direito à Cultura, 005	Textos de circunstância seguido de A PIDE nunca existiu	Luís Pacheco		Editorial Fronteira	Amadora
1977	Direito à Cultura, 006	Escritos políticos	Marquês de Sade	Serafim Ferreira	Editorial Fronteira	Amadora

Tabela 4 – Exemplo de coleção erótica

Ano	Coleção e número	Título	Editora	Local de publicação
1975	Eros, 001	Eu sou uma mulher sensual	Portugal Press	Lisboa
1975	Eros, 002	Eu sou invertido	Portugal Press	Lisboa
1975	Eros, 003	Oito mulheres eróticas	Portugal Press	Lisboa
1976	Eros, 004	Diário erótico de uma mulher	Portugal Press	Lisboa
1976	Eros, 005	Ligações ilícitas	Portugal Press	Lisboa
1976	Eros, 006	Desejos loucos	Portugal Press	Lisboa
1976	Eros, 007	A sádica	Portugal Press	Lisboa
1976	Eros, 008	Uma rapariga estranha	Portugal Press	Lisboa
1976	Eros, 009	Corrupção	Portugal Press	Lisboa
1976	Eros, 010	Camaleão	Portugal Press	Lisboa

8.1. A editora Portugália

As suas coleções de literatura surgiram todas na primeira metade dos anos 40, à exceção da «Contemporânea», que começou em 1958, sendo das muito poucas que sobreviveram no período 1975-1980. As restantes terminaram antes de 1974. Tinham públicos-alvo bem definidos: jovens, rapazes e raparigas, mas com preferência por estas (além da sua «Biblioteca das Raparigas», tinham mais duas coleções, com obras da escritora francesa Berthe Bernage); também um público infantil e, claro, adultos com gostos de leitura mais informados. Para estes, a editora oferecia os vários géneros literários: romance, conto, novela, drama e poesia.

As designações das coleções obedecem ao intuito canonizante e, ao mesmo tempo, formativo e educacional, aliás com conotações de «alta cultura»,

sempre prestigiante: além das «antologias», surgem as «bibliotecas». Para tal contribui igualmente o adjetivo «universal», recorrente. Na verdade, as coleções selecionavam apenas autores estrangeiros na altura canónicos, além de alguns de língua portuguesa. Subgéneros específicos como textos ligados ao cinema, o humor ou a espionagem e aventura com James Bond, de enorme sucesso nesses anos (décadas de 60 e 70), também faziam parte do catálogo da Portugalá, embora com poucos números. Para corresponder à procura crescente do livro de bolso, a editora começou por lançar a «Biblioteca de algibeira», seguida da coleção «O livro de bolso», com mais de 100 títulos, também de autores universais. A coleção «Contemporânea» continuou esta tradição, mas acompanhando também a tendência erótica e político-ideológica do período pós-revolucionário: publicou em 1976 *Ninfomaniacas e Outras*, de Irving Wallace (N.º 125), e autores como Brecht e Cholokov (embora Brecht não fosse novidade, em livro).

Se agora olharmos para a posição da «Literatura erudita» dentro das categorias que definimos para mapear as coleções tematicamente (v. atrás Gráfico 2), ela surge em terceiro lugar. São as seguintes as coleções desta categoria (com número de títulos):

«Literatura erudita» em coleções 1975-1980⁹

<p>«Autores de Sempre. Cadernos de Albert Camus» (2) «Biblioteca Filosófica»¹⁰ «Clássicos Chineses (10) «Fecunditas» (17)» «Literatura Soviética» (1) «Livros de Algibeira. Romance» (1) «Lu-Sin» (1) «Mamute» (9) «Obras de Victor Hugo» (9)</p>	<p>«Paralelo» (6) «Poesia do Século XX» (2) «Poesia. Autores Universais» (8) «Teatro»¹¹ «Teorema Universidade» (2) «Textos Clássicos» (+ 100) «Uma Terra sem Amos» (c. 120)</p>
--	--

Verifica-se que os «clássicos» não desaparecem, há a grande novidade da literatura «soviética» e uma nova coleção com um famoso verso do hino da Internacional Comunista («Uma terra sem amos»), um título chinês, uma coleção

⁹ Lista não exaustiva.

¹⁰ A «Biblioteca Filosófica» ia no n.º 24 em 1978.

¹¹ 13 coleções com a palavra «Teatro» no título.

«feminista» com Virginia Woolf e Anais Nin, a coleção «Fecunditas» já com 17 títulos e uma designação que não teria certamente agradado aos censores do Estado Novo. Sem dúvida que a literatura erudita mantém, após 1974, uma posição confortável mas, após análise cuidada destas novas coleções, nenhuma substitui nem continua o papel anteriormente desempenhado pela Portugalia, exceto no seu sobrevivente, a «Contemporânea». De uma categoria, a literatura infantojuvenil, sabe-se como a produção nacional assistiu a um impressionante desenvolvimento (Blockeel 2001).

8.2. A Agência Portuguesa de Revistas (APR)

Como se disse, a APR é representativa da literatura de entretenimento, ou literatura de massas. Entre 1948 e 1974 publicou cerca de 48 coleções, que podemos mapear da seguinte maneira:

- Novela sentimental (21 coleções)
- Policial e espionagem (10 coleções)
- Oeste (12 coleções)
- Cinema (c. 70 títulos)
- Grandes êxitos do cinema mundial (c. 49 títulos)
- Ficção científica (poucos títulos)

Vejam-se agora os títulos das coleções da «novela sentimental», incluindo pedras ou materiais preciosos, flores, pássaros, nomes próprios – conjunto este que se prestaria sem dúvida a interessantes estudos de género, uma vez que esta coleção tinha o público feminino como principal destinatário (algo visível, tanto no espaço público como privado).

«Andorinha» «Camélia» «Carlos de Santander» «Cisne» «Corado» «Cristal» «Dália»	«Dois Homens Bons» «Foto-romance» «Leitura para Raparigas» «Madrepérola» «Mocho» «Orquídea»	«Pérola» «Pimpinela» «Rosa» «Rubi» «Selene» «Sérgio Duval» «Vénus» «Violeta»
--	--	---

Vejam-se também os títulos do subgénero «policial e espionagem», sem grande novidade em relação às expectativas.

«Brigada de Homicídio» «Crime» «Detective» «Dossier Crime» «Espionagem»	«F.B.I.» «Negra» «Novela Negra» «Seleções F.B.I.» «Serviço Secreto»
---	---

Ou, ainda, o caso da novela do Oeste, também de acordo com este subgénero.

«Arizona» «Bisonte» «Bravos do Oeste» «Búfalo» «Carabina de Ouro» «Gangsters»	«Mãos no Ar» «Patrulha de Combate» «Pólvora» «Rurais do Texas» «Texas» «Zane Grey»
--	---

Pode afirmar-se que a chamada literatura do Oeste não era conhecida em Portugal antes da importação destas coleções espanholas (pseudotraduções em grande parte). Na verdade, a primeira tradução de Karl May para português europeu, segundo a base de dados nacional PORBASE, é de 1963 (tradução de José Ervedosa para a Ed. Pórtico, de Lisboa), à qual se seguiram muitas outras na década de sessenta). Já James Fenimore Cooper, segundo a mesma fonte, teve uma primeira tradução em 1852. Porém, não se podem comparar estes dados dispersos com a avalanche deste subgénero a partir dos anos 50, que passou a integrar a literatura de entretenimento.

A maioria dos títulos das coleções destes três grupos foi importada diretamente de Espanha, embora a editora recorresse à artimanha de não dar a um certo título a coleção que lhe correspondia em Espanha.

Na categoria «ficção científica», a APR não iria vingar, são poucos os títulos importados. A coleção marcante é a prestigiada «Argonauta», traduzida do inglês e publicada por Livros do Brasil. Pode dizer-se que foi responsável pela divulgação deste subgénero em Portugal.

1953: N.º 001

1974: N.º 208

1980: N.º 296

Verifica-se um interesse crescente pela ficção científica, já que a média de títulos em vinte anos (1953-1974) é de cerca de 10 títulos /ano, enquanto entre 1974 e 1980 essa média sobe para cerca de 14.

A disciplina do *design*/ilustração daria um importante contributo ao estudo das coleções de que estamos a tratar. Na verdade, a ilustração das capas, nomeadamente as das novelas sentimentais, é tudo menos arbitrária e a sua dimensão comercial e ideológica (à *contrecoeur*, talvez) fica bem patente, atendendo aos padrões da época. São desenhos coloridos de um homem e uma mulher, entre os vinte e os trinta anos, o homem belo e atraente, a mulher sensual, elegante na figura, vestida à moda, loira, algumas vezes morena, bastante maquilhada. O gesto sinaliza algo de tenso entre os dois, mas que vai terminar em *happy end*. E claro que os títulos revelam todo um programa em questões a que hoje chamaríamos de «género».

8.3. Mudanças na APR depois de 1974

Depois de 1974, muitas destas coleções sobreviveram, num total de 25, o que representa mais de metade do total anterior.

«Andorinha»	«F.B.I.»	«Pólvora»
«Arizona»	«Galáxia 2001»	«Rosa»
«Bisonte»	«Gangsters»	«Rurais do Texas»
«Bravos do Oeste»	«Madrepérola»	«Seleções F.B.I.»
«Búfalo»	«Mãos no Ar»	«Selene»
«Camélia»	«Orquídea»	«Terror»
«Carabina de Ouro»	«Patrulha de Combate»	«Vampiro»
«Carlos de Santander»	«Pimpinela»	«ZZ-7»
«Corado (col. Corin Tellado)»		

Outro traço interessante de continuidade em relação à APR é que, pelo menos até 1977, os locais de publicação continuaram: Lisboa / Coimbra / Porto / Luanda / Lourenço Marques. Este género de literatura vendia bem nas

capitais de Angola e Moçambique e, pelos vistos, mesmo três anos depois da independência das antigas colónias a situação não mudou, prolongando-se mesmo até depois da saída dos «retornados». As características dos títulos e das capas também se mantiveram depois da Revolução, com um pequeno detalhe: as contracapas anunciavam por vezes a obra de cantores como Jaime Lúcio («um poeta do povo», com obra publicada desde 1932!) e incluíam as suas quadras de enaltecimento do 25 de Abril. A editora Portugal Press reassumiu algumas funções da APR.

9. Notas finais

O que se pode concluir provisoriamente é que o padrão da literatura de entretenimento, exemplificado nesta coleção, não sofreu alterações profundas no período revolucionário. O interesse pelo «clássico» também parece ter-se mantido. E a análise das coleções mostrou a necessidade de as editoras se adaptarem aos novos interesses do público leitor, aproveitando o fim da Censura para publicar domínios para os quais compreensivelmente havia apetência.

É assim que podemos dizer que as traduções, nomeadamente através das coleções de literatura traduzida, funcionam como indicadores de mudanças sociais.

Bibliografia citada

- ALMEIDA, Sónia Vespeira de. 2009. *Camponeses, Cultura e Revolução. Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975)*. Lisboa: Colibri e Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- BARRETO, António (Org.). 1996. *A Situação Social em Portugal 1960-1995*. Universidade de Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- BARRETO, António. 1996a. *Tempo de Mudança*. Lisboa: Relógio D'Água.
- BASSNETT, Susan e André Lefevere. 1992. «General editors' preface», *Translation/ History/ Culture*, André Lefevere (ed.). London and New York: Routledge, XI-XII.
- BEGONHA, Manuel. 2015. *5.ª Divisão-MFA: Revolução e Cultura*. Lisboa: Colibri.
- BLOCKEEL, Francesca. 2001. *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*. Lisboa: Editorial Caminho.
- CASTAGNA, Vanessa. 2013. «Short stories from foreign literatures in Portugália's series *Antologias Universais*», *Translation in Anthologies and Collections (19th and 20th Centuries)*, Teresa Se-

- ruya, Lieven D'hulst, Alexandra Assis Rosa e Maria Lin Moniz (eds.). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 137-152.
- DUARTE, J. Ferreira. 2005. «Do binarismo em tradução», *Relâmpago. Revista de Poesia*, 17 (outubro), 21-46.
- ESSMAN, Helga e Armin Paul Frank. 1991. «Translation Anthologies: an Invitation to the Curious and a Case Study», *Target* 3(1), 65-96.
- GUSMÃO, Manuel (2014), «A revolução portuguesa e o seu impacto cultural», *O Militante*, Nr. 331, Julho/Agosto (https://www.omilitante.pcp.pt/pt/331/25_abril/890/A-revolu%C3%A7%C3%A3o-portuguesa-e-o-seu-impacto-cultural.htm?tpl=142, acedido em 10.2015).
- ILLIES, Florian. 2014. *1913. The Year Before the Storm*, trad. Shaun Whiteside and Jamie Lee Searle. London: The Clerkenwell Press.
- KATAN, David. 2009. «Translation as Intercultural Communication», *The Routledge Companion to Translation Studies*, Jeremy Munday (ed.). London and New York: Routledge, 74-92.
- PATTERSON, Michael. 1981. *The Revolution in German Theatre 1900-1933*. Boston, London and Henley: Routledge and Kegan Paul.
- PINHARANDA, João. 2005. «A arte portuguesa no século XX», *Portugal Contemporâneo*, António Costa Pinto (org.). Lisboa: Dom Quixote, 260-272.
- RIBEIRO, António Pinto. 2006. «Arte», *Fundação Calouste Gulbenkian – Cinquenta anos 1956-2006*, I Vol. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 239-408.
- ROSAS, Fernando. 1994. *O Estado Novo, História de Portugal*, dir. José Mattoso, Vol. 7. Lisboa: Editorial Estampa.
- SERUYA, Teresa, Lieven D'hulst, Alexandra Assis Rosa e Maria Lin Moniz (eds.). 2013. *Translation in Anthologies and Collections (19th and 20th centuries)*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- SERUYA, Teresa (2013a). «Anthologies and translation», *Handbook of Translation Studies*, Vol. IV, Yves Gambier and Luc van Doorslaer (eds.). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- STEINER, George. 2002. *Depois de Babel. Aspectos da Linguagem e Tradução*, trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água.
- TOURY, Gideon. 1999. «A tradução como meio de planificação e a planificação da tradução», *Histórias Literárias Comparadas*, Teresa Seruya e Maria Lin Moniz (Orgs.). Lisboa: Edições Colibri / Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, 17-32.

Anexo 1 – Novas coleções e categorias

Ano	Nova coleção	Editora	Local de publicação	Categoria
1974	Cadernos de poesia	Dom Quixote	Lisboa	Cultura erudita
	Calypso	Portugal Press	Lisboa	Entretenimento/ /novela sentimental
	Fantasma	Portugal Press	Lisboa	Entretenimento
	Juvenil	E. N. de Publicidade	Lisboa	Literatura infanto-juvenil
	Mulheres marcadas	Portugal Press	Lisboa	Entretenimento/ /novela sentimental
	ZZ-7	A. P. de Revistas	Lisb./Porto/ /Coimb./Faro	Entretenimento
1975	Aventura	Portugal Press	Lisboa	Entretenimento/ /aventura
	Babar em ponto grande	Plátano	Lisboa	Literatura infanto-juvenil
	Babar em ponto pequeno	Plátano	Lisboa	Literatura infanto-juvenil
	Biblioteca filosófica	Atlântida	Coimbra	Cultura erudita
	Boutique	Verbo	Lisboa	Literatura infanto-juvenil (raparigas)
	Eros	Portugal Press	Lisboa	Erotismo
	Erótica	Edição da Aurora	Lisboa	Erotismo
	Grandes clássicos do erotismo	Diabril	Lisboa	Erotismo
	Histórias maravilhosas	Edições Paulistas	Camarate	Literatura infanto-juvenil (contos fantásticos)

Tradução e revolução: encontros e desencontros

Ano	Nova coleção	Editora	Local de publicação	Categoria
	Homens e países	Edições Paulistas	Camarate	Outros
	Horizonte pedagógico	Livros Horizonte	Lisboa	Outros
	Juventude Atlântida	Atlântida	Coimbra	Literatura infanto-juvenil
	Literatura soviética	Limiar	Porto	Cultura erudita

Anexo 2 – Coleções da Editora Portugalíia

Coleções da Editora Portugalíia	Primeiro número (conforme a base de dados <i>Intercultural Literature...</i>)	Data	Último número e data, número de entradas
Biblioteca dos rapazes	001	1943	094, 1970, 65 (total)
Biblioteca das raparigas	001	1946 (2. ^a ed.)	020, 1970, 95 (total)
Biblioteca das raparigas. Brigitte.	001	1970	019, 1972, 9 (total)
Biblioteca das raparigas. O romance de Isabel.	001	1969	005, 1971, 2 (total)
Os romances sensacionais	001	1942	Terminou em 1958, mas o último n.º (017) é de 1947
Os romances universais	001	1943	030, 1976, 31 (total)
Antologias Universais. Novela	001	194?	002, 1946
Antologias Universais. Poesia	006	1962	006, 1962. Base não regista nenhum n.º depois deste

Coleções da Editora Portuguesa	Primeiro número (conforme a base de dados <i>Intercultural Literature...</i>)	Data	Último número e data, número de entradas
Antologias Universais. Conto	001	1946 (3. ^a ed.)	018, 1957, 13 (total). Último n.º ed. 197?
Antologias Universais. Teatro	001 002	19?? 1963	Únicas entradas da base
Antologias Universais. Varia	001	197?	Única entrada da base
Biblioteca de algibeira	001	1943	022, 1945, 14 (total)
Biblioteca das crianças	005	1944	005, 1944, 3 (total)
Biblioteca dos humoristas	001	1943	007, 1965, 4 (total)
Os contos universais	001	1943 (2. ^a ed.)	001, 1959 (2. ^a ed.), 2 (total). (Um só autor)
Documentos humanos	001	1944	032, 1975, 10 (total)
Fénix	00?	1946	004, 1947, 2 (total)
Paralelo	Sem numeração	1947	Única entrada da base
Livro de bolso	001, 014	1963 (2. ^a ed.); 014 é de 1960	103, 1968, 31 (total)
Juvenil	002	1960	017, 1968, 5 (total)
Contemporânea	002	1959	130, 1976, 81 (total)
007 James Bond	001	1965	005, 1965, 4 (total)
Intermezzo	001	1963	Única entrada

Tradução e revolução: encontros e desencontros

Coleções da Editora Portugália	Primeiro número (conforme a base de dados <i>Intercultural Literature...</i>)	Data	Último número e data, número de entradas
Olho de lince	001	1960	s/ n.º, 1961, 2 (total)
O homem e o desconhecido	002	1961	Única entrada da base
Cinema	002	1962	010, 1967, 6 (total)
Obras de Balzac	Não numerado	1966	1969, 13 (total)
Problemas	001	1976	Única entrada da base